

As Formas do século XX

Josep Maria Montaner

GG, Barcelona, 2002

Este interessante livro propõe estudar a arquitectura do século XX, a partir do conceito de forma enquanto “estrutura interna e essencial” da arquitectura, recusando a acepção negativa implícita na ideia de formalismo enquanto preceito gratuito. As principais referências metodológicas do autor são o pensamento estruturalista de Lévi-Strauss, Barthes e Foucault, a crítica tipológica de Rossi e Grassi e o formalismo analítico de Wittkower e Colin Rowe. Contudo, o aspecto mais interessante deste estudo resulta do facto da forma ser analisada a partir dos seus significados culturais, filosóficos, sociológicos, antropológicos e sobretudo políticos. Montaner analisa a arquitectura do século XX a partir de cinco grandes categorias - organismos, máquinas, realismos, estruturas e dispersões – estabelecendo várias relações entre a arquitectura e as outras artes, entre a arquitectura e a história do pensamento, entre a arquitectura e a política. Como todos os estudos de síntese, este livro incorre nalgumas simplificações excessivas no modo como procura construir novas interpretações a partir da releitura da arquitectura e do seu contexto cultural. Contudo, é essa mesma característica por vezes redutora, por vezes simplista que permite estabelecer leituras concretas sobre uma matéria tão densa quanto a arquitectura.

O Cinema e a fotografia estão presentes durante todo o livro e servem de metáfora em relação a algumas ideias centrais no desenvolvimento de cada capítulo. Contudo, o autor defende uma visão reaccionária em relação à imagem que descreve como icónica, transparente, virtual e imaterial por oposição à forma por si considerada consistente, material, sólida e estrutural. Para Montaner “as imagens são simples documentos visuais de reprodução e consumo imediato” afirmação que nos parece demasiado simplista e contraditória com o discurso do autor, incontornavelmente a elas referenciado.

Mais interessante é a o modo como Montaner distingue a atitude do coleccionador, do bricoleur e do editor. O primeiro selecciona fragmentos da história, conserva-os e ordena-os em colecções. O segundo cria novos organismos a partir de partes de objectos que mutila rejeitando a parte restante. O terceiro, à imagem do editor de cinema, ao montar os fragmentos ou episódios de um filme num discurso linear altera a identidade da parte para lhes conferir um novo significado no todo. Assim, para Montaner, Rossi, Grassi e Alexander são coleccionadores, Stirling, Hollein e Graves bricoleurs enquanto Tschumi e Koolhaas editores na medida em que “constroem um ambicioso universo com fragmentos” do real.

Em suma, o livro de Montaner propõe uma hipótese de cartografia do panorama arquitectónico do século XX, informada por uma determinada visão (ideológica) da arquitectura, baseada em conceitos mais do que em autores, facto que só pode constituir um estímulo para o debate alargado e extra-disciplinar da arquitectura.

Porto, 18 de Fevereiro de 2003

José Miguel Brás Rodrigues